

A importância do sentido nas aulas de Geografia: possíveis caminhos para um (re)conhecimento entre o sujeito e o mundo

*Diego Brandão Nunes;
Antonio Carlos Castrogiovanni*

Resumo

O presente trabalho possui como tema a importância da presença de sentido nas aulas de Geografia. Nossa delimitação analítica está pautada na relação do sentido (FRANKL, 2008) como facilitador ou não do processo de ensino-aprendizagem em Geografia. O caminho investigativo emprega o Paradigma da Complexidade (Morin, 2011) como desafio para a compreensão do mundo pautado nas técnicas da Pesquisa Qualitativa. As lentes desta pesquisa estão projetadas a partir do estudo do Espaço Geográfico (SANTOS, 2014), da Paisagem (SOUZA, 2015) e do Lugar (TUAN, 2012). A pesquisa possui como preocupação inicial o estudo de caminhos metodológicos que propiciem a percepção do sentido nas aulas, por meio da criação, vivência e atitude dos estudantes, a fim de que tenhamos clareza epistemológica para buscarmos aproximações com as demandas da área do ensino de Geografia. A datar disso, problematizamos os desafios que encontramos nas salas de aula, as proximidades que esta ciência pode possuir com o estudo do sentido e investigamos as possibilidades que favorecem maior atribuição do mesmo por parte dos alunos.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Sentido. Logoterapia. Vida.

Abstract

The present work has as theme the importance of the presence of meaning in Geography's classes. Our analytical delimitation is based on the relationship of meaning (FRANKL, 2008) as a

facilitator or not of the teaching-learning's process in Geography. The investigative way applies the Complexity's Paradigm (Morin, 2011) as a challenge for the understanding of the world based on Qualitative Research Techniques. The lenses of this research are projected from the study of Geographic Space (SANTOS, 2014), Landscape (SOUZA, 2015) and of Place (TUAN, 2012). The research has as initial concern the study of methodological ways that enable the sense's perception in the classes, through the creation, experience and attitude of the students, in order that we have epistemological clarity to seek approximations with demands of the Geography teaching's area. From this, we problematize the challenges that find in the classrooms, the proximities that this science can possess with the study of meaning and we investigate the possibilities that favor a large attribution of the same on the part of the students.

Keywords: Geography Teaching. Meaning. Logotherapy. Life.

Qual é o sentido em aprender Geografia?

A tarefa de ser professor de Geografia nos parece ser cada vez mais desafiante. Sendo esta uma ciência preocupada com o estudo do Espaço, possui a tarefa de buscar constantemente maneiras de (re)pensar o que vem sendo feito em nossas salas de aula. Este trabalho, fruto de nossa pesquisa de dissertação do Mestrado, convida o leitor a avaliar sua relação com a Geografia, seja na posição de estudante ou de professor (seria possível separar tais condições?), considerando a problemática do que pode ser, ou não, uma aula com sentido para nossos estudantes.

A escola, inserida em suas estruturas organizacionais, muitas vezes “rígidas”, corre o risco de mostrar currículos com falta de diálogo e articulação entre seus conteúdos programáticos, dificultando experiências de aprendizagem significativas. Nos parece que a preocupação exclusiva do conteúdo pode acabar negligenciando a maneira como são vivenciados e aplicados por quem os estuda. Dentro deste contexto, consideramos a escola como um espaço complexo de crescimento pessoal e de produção de novos conhecimentos, estejam eles vinculados, ou não, aos currículos programáticos. Investigamos, nesse sentido, movimentos dentro do ensino de Geografia que aproximam o que é ensinado da vida do aluno, por meio de elementos que podem contribuir para com a presença de sentido na sala de aula.

Retomando as nossas experiências enquanto estudantes de Geografia na Educação Básica, e considerando os momentos em que a disciplina conseguia se aproximar com maior competência das realidades dos alunos, envolvendo os mesmos, este movimento parecia ocorrer quando tratávamos de situações que podíamos vivenciá-las. Este movimento de interação entre o estudante e

o conhecimento da Geografia acaba sendo analisado com base em alguns critérios, seja pela análise do espaço a nossa volta pela criação de algum produto que exigia a resolução de problemas e simbolizava algum desafio, seja pela participação por meio do diálogo, da troca de opiniões e da tomada de atitudes ou ainda pela vivência que os sujeitos traziam consigo antes e depois das propostas de aprendizagem. Tais caminhos metodológicos em sala de aula, a criação, a vivência e a atitude, surgem a partir do recorte e aproximação com a teoria de Frankl (2008), denominada Logoterapia, que indica que o ser humano pode encontrar sentido para sua vida, também por estes caminhos. Tomamos como inspiração a obra deste autor e questionamos: “Se estes caminhos para o sentido podem auxiliar na compreensão da vida, dotada de contrariedades e significados, não poderia auxiliar também na presença de sentido nas aulas de Geografia?”. Pensamos que a aproximação com a vida de nossos alunos e suas impressões sobre o mundo poderia servir como elemento de ligação entre essas duas áreas.

Não queremos fugir dos problemas que enfrentamos em sala de aula, queremos buscar respostas para eles, a escola nem sempre conseguiu fazer esse encontro entre o conhecimento construído e sua aplicação para a resolução de problemas. A Geografia nos parece ter, como poucas disciplinas, a capacidade de uma aproximação rápida entre sua proposta curricular e o que o aluno observa, sente, enfim, vive.

Partimos de uma inquietação docente maior: “Como atribuir sentido às aulas de Geografia para os alunos?”. Considerando tal preocupação, providenciamos caminhos para o encontro do mesmo, construindo possibilidades para o conhecimento geográfico. O estudo do sentido em sala de aula exige que tenhamos uma leitura de mundo complexa e que considere áreas que vão além da própria Geografia, uma vez, que para sua aplicação de maneira didática, necessitamos recorrer à lunetas de análise do mundo que entrelacem teoricamente os conceitos que nos propomos a ensinar, neste sentido, recorreremos ao método da Complexidade, formulado por Morin (2003), onde fugindo das verdades únicas dos conhecimentos, considera a provisoriade dos saberes e suas complementaridades.

Considerando a complexidade da sala de aula, pautada em Morin (2003), a informação e o conhecimento conforme são problematizados em sala de aula, Castrogiovanni, alerta para um ponto importante do estudo do sentido em sala de aula:

Neste sentido, tenho observado que muitos dos profissionais da educação geográfica lidam com informações, desprezam os conhecimentos e não se preocupam com as competências. Essa atitude, pela minha leitura, torna os momentos pedagógicos desinteressantes, **pois não encaminha à construção de sentido**. É fácil constatarmos que há uma degradação do conhecimento pela informação (CASTROGIOVANNI, 2014, p. 180, grifo nosso).

O autor vai ao encontro de nossas inquietudes pedagógicas ao apontar o pouco cuidado diante do trabalho com o conhecimento, e consequente, para a falta de sentido na aula apresentada, voltamos às preocupações iniciais que motivaram nosso discurso: “Sem a preocupação com a presença do sentido nos parece que trabalhamos de modo automático e despreocupados com nosso objetivo de construir a compreensão do espaço no qual trabalhamos”. É preciso, acreditamos neste momento, dentro da luneta teórica da complexidade, analisar aproximações entre o estudo do sentido e a Geografia. Dentro dessa investigação, destacamos, enquanto estudo que busca analisar a problemática do sentido, os estudos da Logoterapia, formulada pelo psicoterapeuta vienense Viktor Emil Frankl (1905-1997), que em sua proposta, estuda a presença ou não de sentido na vida dos sujeitos. Considerando as possibilidades apontadas pelo autor sobre o tema, contrastamos com as possibilidades de trabalho dentro de nossas aulas, antes, porém pensamos ser necessário, abordar como surgiu esta teoria que nos inspira.

Por uma Geografia que não vá para o fio: a obra de Viktor E. Frankl

Viktor Emil Frankl nasceu em uma família judia, no dia 26 de março de 1905, na cidade de Viena. Teve uma vida acadêmica inicialmente bastante estruturalista, no entanto, isso não o impedia de questionar a exatidão dos saberes que as organizações acadêmicas propunham. O próprio autor, em diversas entrevistas, conta, com certa nostalgia e curiosidade, uma passagem de sua época escolar, quando um professor de Biologia explanava que “a vida, em última instância, não era senão, um processo de combustão, um processo de oxidação”, ao ouvir isso, o pequeno menino judeu e sempre questionador, perguntou: “Professor, se isso é assim, que sentido tem a vida?”

Tal inquietação acompanhou Frankl, levando-o até a Psicoterapia, influenciado por Freud (1856-1939) e Adler (1870-1937). Iniciou, como consequência da fundação deste centro, caminhos para confrontar, por meio de tratamentos terapêuticos, a problemática existencial e filosófica apresentada pelos pacientes. Houve a partir daí desentendimento com Adler, por conta de sua perspectiva de psicologia individual, culminando com a expulsão de Frankl da sociedade adleriana. A datar daí, ele se especializou em Neurologia e Psiquiatria e, em 1940, passou a coordenar o Departamento de Neurologia de Rothschild Spital, dedicado a pacientes judeus.

Em 1938, se iniciou um dos períodos mais sombrios na história da humanidade e, de modo especial da vida de Frankl, foi o início das tomadas de ação de Hitler para o aumento de seu poderio na Europa. Os Nazistas invadiram primeiramente a Áustria, começando assim, as perseguições raciais.

Frankl decidiu permanecer em Viena, mesmo correndo riscos, por conta de ter seus pais já com idade avançada, mesmo possuindo o passaporte para os Estados Unidos. Em 1942, Frankl se casou com Emmy Grosser, sua companheira de pouco tempo, pois logo em seguida, a Gestapo (polícia secreta da Alemanha Nazista) aprisionaria a família Frankl. O importante estudioso, diretor de um importante centro de Neurologia e um dos expoentes da Psicologia e da Psicoterapia de sua época, passaria a ser apenas o prisioneiro nº 119104. Iniciou-se para ele, um período de duras penas e experiências traumatizantes, que o fizeram ressignificar sua teoria, denominada *a posteriori* por Frankl, como *Experimentum Crucis*.

Ao entrar nos campos de concentração, Frankl apertou uma mão na outra e fez um acordo consigo mesmo: “Não importaria o que acontecesse ou os desafios que se apresentassem, ele nunca iria parar no fio”. Tal expressão era utilizada pelos companheiros de confinamento que não aguentando mais o sofrimento daqueles ambientes, jogavam-se nos fios de alta-tensão, que compunham as cercas ao redor dos campos de concentração, cometendo suicídio. Essa ação era corriqueira e para fugir dela, Frankl teve de passar por diversos meios de adaptação e ressignificar a maneira como enxergava sua própria vida.

O período que viveu sob maus-tratos, ausência de qualquer tipo de recurso e conforto, junto a realidade do assassinato diário de companheiros seus que começavam a ser considerados inúteis, propiciou-lhe uma ideia de “desnudez”, que ele buscou explicar como a perda total de si, uma sensação de que o que vivera antes dos campos de concentração, parecia tão distante quanto outra vida. Comprometido com seus ideais, lembrando o acordo que fizera consigo mesmo, Frankl acabou transformando aquela experiência também em um laboratório de observação da condição humana, dentro de circunstâncias extremas, amadureceu as convicções filosóficas e psicológicas que vinha desenvolvendo antes. Verificou em si mesmo, as considerações sobre o sentido da vida que vinha desenvolvendo com os jovens traumatizados pela guerra. Encarou os campos de concentração com a convicção de que o homem é responsável por buscar a cada dia o sentido de sua vida, ainda que na situação mais adversa.

Após os campos de concentração, em 1945, voltou a Viena e assumiu como chefe do Departamento de Neurologia da Policlínica, desenvolvendo sua linha de pensamento a partir da problemática do sentido: a Logoterapia. Resultado do existencialismo europeu e o humanismo americano, a teoria resgatou o papel da Filosofia para a compreensão da pessoa. Sua linha de pesquisa apresentou-se dentro do contexto humanista-existencial, podendo ser inicialmente definida como “Psicologia do sentido da vida”. Frankl dedicou 25 anos para a prática e o ensino de Psiquiatria em Viena, trabalhando por

20 anos como professor convidado nos EUA, em Harvard, e em outras universidades americanas, ganhando 29 títulos de doutor *honoris causa* em instituições de diversos países. Frankl morreu em setembro de 1997, aos 92 anos.

Por uma Geografia com sentido: os caminhos para uma Logogeografia

A obra de Frankl (2008), resultando na formulação da Psicoterapia, denominada de Logoterapia, trabalha com o sentido, fundamentado na fenomenologia do “homem-comum” frente às situações da vida, ou seja, como ele encara os desafios do cotidiano. Pensando nesses desafios que aparecem durante nossa vida e a maneira como lemos o mundo a partir delas, o autor destaca três caminhos que, podem ser também possibilidades para a sala de aula, uma vez que a Geografia é uma matéria de “diversidade” e de situações múltiplas. Os três caminhos podem servir de possibilidades para o planejamento e carecem de maior aprofundamento destas possibilidades, mas a princípio são: valores de criação, valores de experiência e valores de atitude.

- Valores de criação: são os valores que trabalham com a autonomia dos sujeitos e sua capacidade autoral para os desafios impostos, a busca por soluções a partir de sua criatividade. Os valores de criação estão ligados a ação humana sobre o mundo, são respostas concretas. Um aluno que em uma aula de Geografia descobre-se autor, percebe-se, para Frankl, insubstituível e único. Experimenta a vida como missão no mundo. Cabe a nós, pensarmos em possibilidades que favoreçam a autonomia e a criatividade dos sujeitos em aula, propormos atividades em que sejam coautores e percebam essa valorização dentro do processo de ensino-aprendizagem. **Conceito de relação com a Geografia: Espaço Geográfico.**
- Valores de vivência: são realizados quando a pessoa toma algo do mundo, seja através da bondade, da verdade, da justiça ou mesmo do contato com a natureza ou do olhar cuidadoso sobre uma obra de arte ou uma paisagem. Esta vivência não é somente emocional, é também intencional. Buscar a intencionalidade das paisagens e do que está posto, é refletir sobre a formação da estrutura que é colocada. Apesar de aparentemente ser subjetiva, está atrelada ao externo como recebemos e percebemos o mundo. Percebemos isso nos nossos trabalhos de campo ou em momentos de desafios de observação, como olhar uma paisagem e procurar distinguir seus elementos. Tal cuidado com o olhar e a descoberta do mundo e do desequilíbrio que muitas vezes temos nesse olhar é reforçado por

Frankl, quando ele diz que “no assombro ou admiração, o mundo pode aparecer à luz da possibilidade de ser conhecido ou investigado, de modo que conhecimento e valor são complementares e assim devem ser trabalhados na educação”. **Conceito de relação com a Geografia: Paisagem.**

- Valores de atitude: referem-se à postura que os sujeitos assumem perante situações de limite, de dificuldades no mundo, as desigualdades que existem, o contexto das guerras, o olhar que existe dos sujeitos através da tragédia, o contexto da violência urbana. Esse conceito de valor existe independente de religião, nem existe necessariamente relação moral ou ética, mas sim a problematização diante do sofrimento do outro. **Conceito de relação com a Geografia: Lugar.**

Avaliamos ser, a partir de Frankl, nos pilares para o encontro do sentido e a relação com a vida, que poderemos buscar caminhos metodológicos para pensarmos na presença ou não de sentido na sala de aula, começamos então a perceber quais temas da Geografia e dos caminhos do sentido, segundo a Logoterapia, começam a ser cruzados de maneira natural.

Auxiliados pela concepção da Geografia Humanista e Cultural, temos na valorização do ser humano e na maneira como ele enxerga e manifesta o mundo, suporte teórico para buscarmos tais relações. No caminho para o sentido e para sua presença nas aulas de Geografia podemos pensar na articulação dos conceitos como estágios para a próxima etapa, que seria a construção do conhecimento/encontro de sentido na aula, ambos articulados pelo elemento vida.

Atividade 1 - Em busca do sentido na aula: algumas propostas geográficas

A partir dos entrelaces teóricos construídos até este momento, ilustramos, através do resumo de duas atividades, como o professor de Geografia poderia trabalhar alguns conceitos da matéria, considerando os caminhos para o sentido sugeridos por Frankl (2008):

Competência de área 6: Compreender a sociedade e a natureza, reconhecendo suas interações no espaço em diferentes contextos históricos e geográficos.

Habilidades: H29 – Reconhecer a função dos recursos naturais na produção do espaço geográfico, relacionando-os com as mudanças provocadas pelas ações humanas.

Momento 1: a Criação – Cada aluno recebeu um painel de papel pardo, dividido ao meio, contendo duas repartições: a parte superior, com o título “Espaço Natural” e a parte inferior, com o título “Espaço transformado”. Neste momento, o aluno criou no cartaz, através de símbolos, que posteriormente foram representados em legendas, o espaço natural que serviria de base para a formação de suas sociedades. Para essa criação, no entanto, pedimos para os alunos que considerassem alguns itens obrigatórios. O espaço natural, deveria ter:

- Um ou mais cursos d’água;
- A representação do relevo e suas variações;
- O tipo de clima predominante na região criada (por meio de nota escrita na parte superior do painel);
- Os tipos de vegetação;
- Os recursos minerais da região.

Momento 2: a Vivência – No espaço inferior do painel, uma vez que o natural já está construído, os alunos tiveram de formar uma estrutura urbana, considerando suas vivências nas cidades. O espaço transformado teria de ser criado a fim de superar os problemas que eles encontram no dia a dia. Algumas tomadas de decisão tiveram que acontecer nesta etapa, tais como: o quanto de vegetação eles decidiram retirar para a inserção dos imóveis, se o curso d’água ficará longe ou perto do início dessa comunidade, onde colocar o cemitério, quais as atividades principais nessa cidade, entre outras questões que envolviam a relação entre o natural e suas transformações. Para este momento, alguns requisitos para a formulação deste painel também foram pedidos, sendo estes:

- Coerência espacial com o painel acima, do espaço físico;
- O quanto de vegetação permaneceu, ou não, após a formação da cidade;
- A inserção de: cemitério, duas indústrias diferentes, hospital, igreja, banco, delegacia, escolas, universidade, praça pública, ruas, prédios, avenida principal, casas e prefeitura;
- Nome da cidade.

Momento 3: a Atitude – Pautados em sua leitura sobre o mundo e suas impressões sobre as sociedades, os alunos indicaram neste momento quais diretrizes morais e legislativas regem esta sociedade criada, neste momento foram convidados a pensar no contexto das sociedades atuais, com suas con-

trariedades e desigualdades, e indicar, por meio das cinco leis principais dessa sociedade, que buscassem evitar alguns problemas que vemos atualmente:

- Violência (aqui buscamos debater se o mais importante é a medida punitiva direta ou a formação educacional competente);
- Fome;
- Analfabetismo;
- Corrupção;
- Degradação ao meio-ambiente.

Momento 4 – Após a formação dos dois painéis, todas as duplas tiveram em um só cartaz, o “antes” (o espaço físico) e o “depois” (o espaço transformado) de suas sociedades. Em uma roda de apresentação, os alunos, junto com o professor, expuseram seus projetos, foram instigados sobre quais elementos mudaram entre um cartaz e outro, e debateram as leis criadas para a formação de uma sociedade mais justa.

A seguir, temos um exemplo da primeira etapa, produzida por um estudante do 9º Ano do Ensino Fundamental:

Figura 1 – Painel do Espaço Natural
Estudante do 9º Ano do Ensino Fundamental

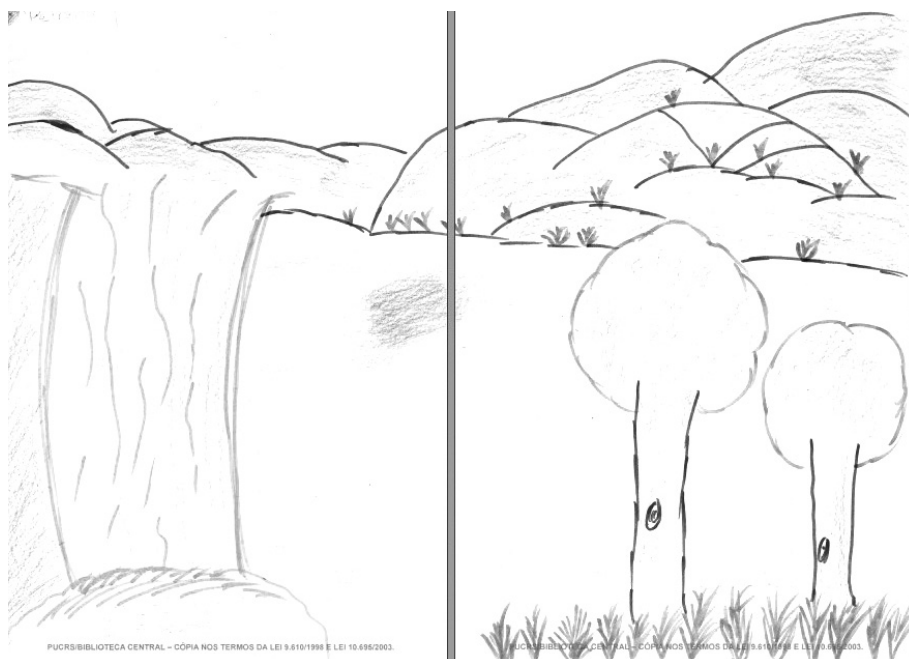
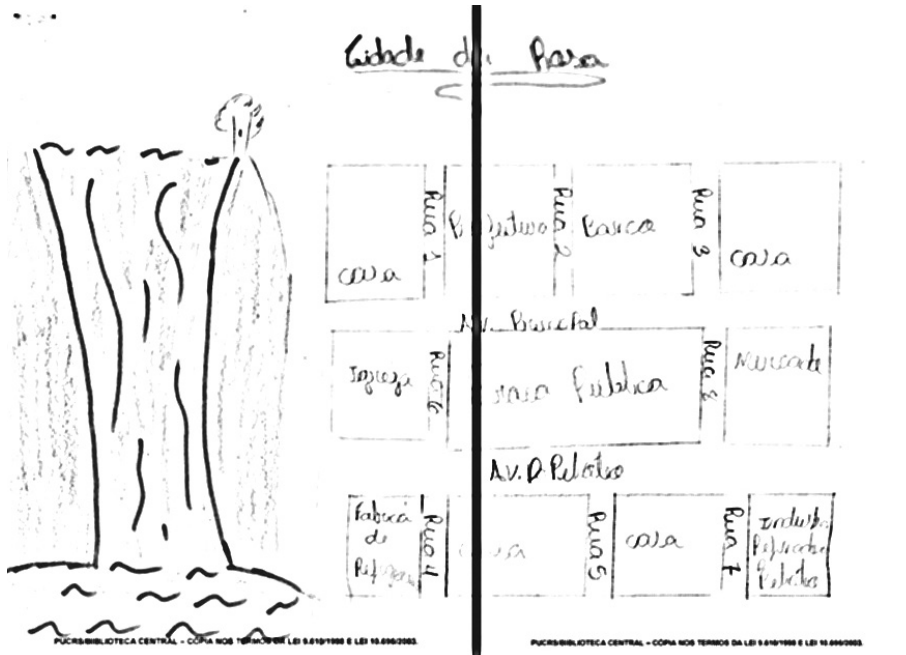


Figura 2 – Painel do Espaço Transformado
Estudante do 9º Ano do Ensino Fundamental

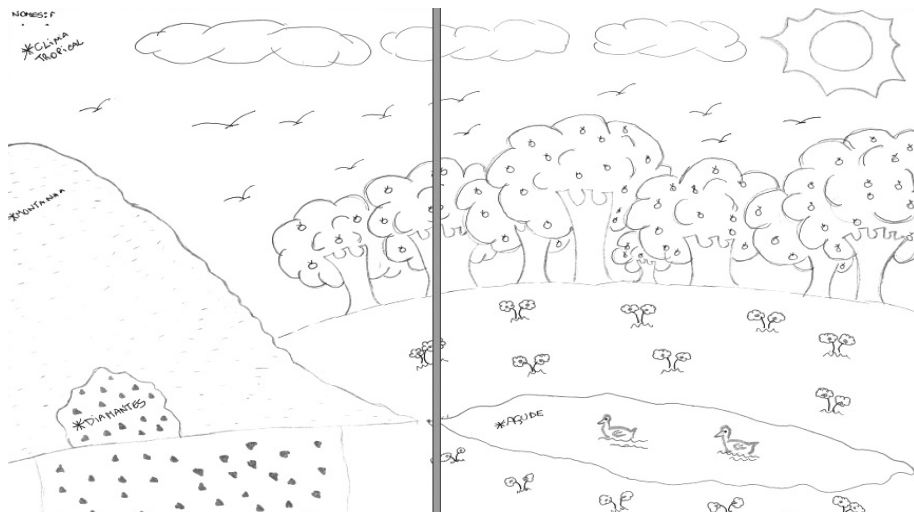


Aparece uma distinção entre os dois tipos de paisagens apresentadas, na primeira, percebe-se a lógica da horizontalidade, onde podemos inferir também a relação próxima que nossos estudantes têm de espaço natural com o uso da paisagem, retratando estes espaços de maneira horizontal e buscando o belo.

Salientamos que, para propiciar momentos de surpresa durante a tarefa, não indicamos, quando pedimos para fazerem os ambientes naturais, que estes seriam transformados em cidades posteriormente, todavia, parece estar no senso-comum de nossos estudantes, perceber o espaço natural somente como esse conjunto de vegetações tropicais, próprios da região na qual estão inseridos, mas que, ao trabalharmos com espaços criativos, não impedia que aplicassem características naturais de locais distantes, mas o que percebemos até então foi a forte influência da vivência, correlacionada com a criação.

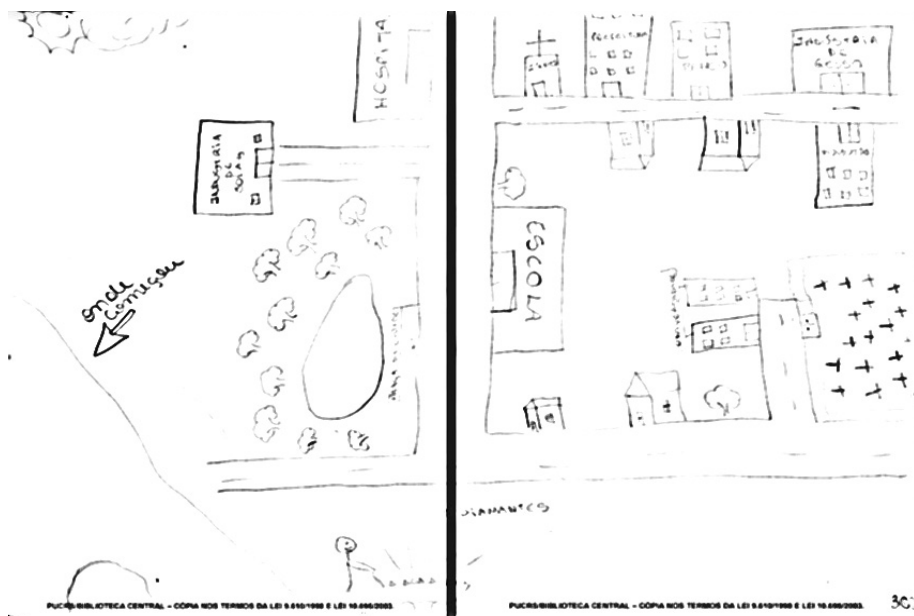
Neste sentido, consideramos ainda, a produção de um estudante do 3º Ano do Ensino Médio, aprofundando alguns outros aspectos:

Figura 3 – Pannel do Espaço Natural
Estudante do 3º Ano do Ensino Médio



Na Figura 4, a paisagem urbana começa a surgir, buscando uma coe-rência com a imagem anterior:

Figura 4 – Pannel do Espaço Transformado
Estudante do 3º Ano do Ensino Médio



Percebemos no trabalho do estudante, um cuidado com o ordenamento e a coerência espacial, nota-se também, a utilização de indicações que falamos nos momentos de contextualização da atividade, como o destaque dado para onde a população daquela cidade começou, indicando que estava próxima dos locais onde havia água. Além disso, percebe-se o interesse do estudante para correlacionar os elementos feitos na primeira parte do painel com o atual, como a atividade mineradora, a redução do morro que havia antes, a proximidade entre a prefeitura e a igreja, relação inspirada em algumas cidades coloniais, bem como a disposição de elementos específicos do espaço em áreas estratégicas, como o cemitério no canto da cidade. Todavia, ainda percebemos, que mesmo no 3º Ano do EM, algumas deficiências quanto a alfabetização cartográfica e que repercutem em seus produtos, como a escala dos objetos no espaço, tendo praticamente o mesmo tamanho de todo o território do cemitério.

Atividade 2 – Espelho da cidade

O Professor trará algumas imagens da cidade onde está inserida a escola. Tais imagens deverão ser alternadas entre aspectos positivos e negativos da cidade. Cada grupo, formado por três pessoas, pegará uma sequência de 5 fotos, com paisagens diferentes e em um painel de papel pardo irão reproduzir as imagens através de desenho, modificando os problemas que eles acreditem estarem presentes nas imagens. **Eixos trabalhados: Espaço Geográfico/Paisagem/Lugar/Criação/Vivência/ Atitude.**

Competência de área 6: Compreender a sociedade e a natureza, reconhecendo as suas interações no espaço em diferentes contextos históricos e geográficos.

Habilidades: H27 – Analisar de maneira crítica as interações da sociedade com o meio físico, levando em consideração aspectos históricos e/ou geográficos.

Momento 1 (05 min): Entramos na sala e cumprimentamos os alunos, em seguida iniciamos a oficina refletindo sobre a nossa relação com os espaços que observamos no município, ou por vezes, deixamos de observar. Para iniciar a discussão, fizemos a seguinte questão desequilibrante para os alunos: **“O que torna para vocês um local inesquecível? Por quê?”.**

Momento 2 (10 min): Para que os alunos pudessem exercitar a vivência que possuem dos espaços, fizemos um momento de contextualização que pudesse proporcionar um resgate das vivências dos espaços por meio da

memória e das sensações (odores, sons, lembranças). Entregamos uma venda para cada aluno e pedimos que permanecessem em silêncio, buscando em suas memórias, paisagens evocadas a partir dos elementos que o professor fosse propondo.

Uma vez que todos os alunos estavam vendados e em silêncio, tocamos por meio de autofalantes, sons de natureza, florestas, ondas, rios em movimento e também sons de ambientes urbanizados. Este momento serviu para estimular os alunos sobre quais paisagens eles conseguiram imaginar, em seguida, espalhamos alguns aromas pela sala e perguntamos novamente, quais paisagens eles conseguiam imaginar. Depois, passamos entre os alunos algumas rochas para que eles pudessem manuseá-las, sentindo suas texturas. Todos esses estímulos serviram para que os alunos concebessem através da memória, novas paisagens.

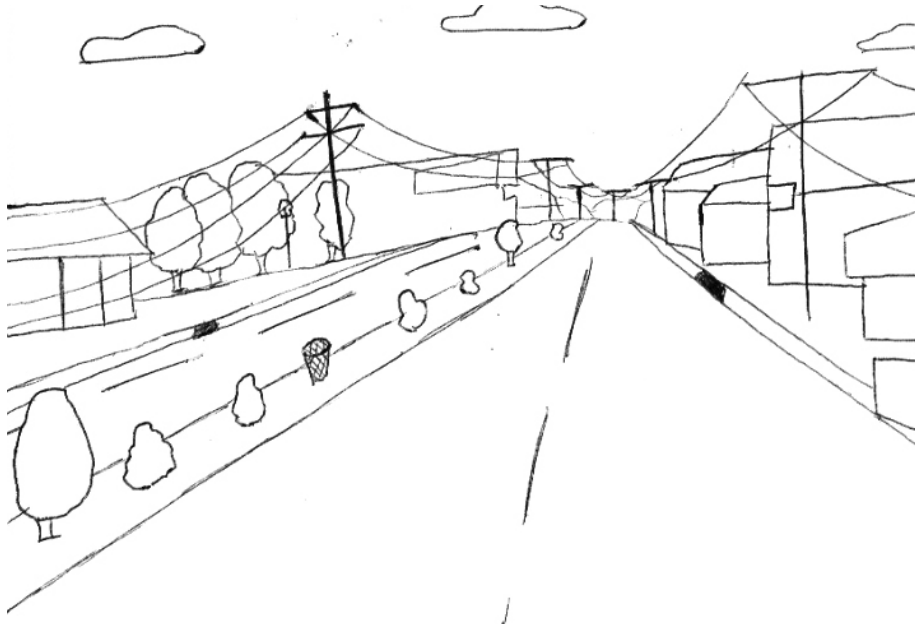
Momento 3 (15 min): Entregamos para os alunos paisagens do município onde está inserida a escola (neste caso, trabalhamos com paisagens de Alvorada) que possuem determinados problemas urbanos e/ou ambientais, ou seja, locais em nossa cidade que necessitam de melhorias (falta saneamento básico, patrimônios degradados e obras não concluídas). Cada aluno recebeu uma folha contendo uma imagem, uma pergunta que auxiliaria na reflexão dos problemas apresentados e um espaço em branco.

Em seguida, propomos que os alunos modificassem, por meio de um desenho ou esquema, no espaço em branco, a paisagem apresentada, buscando soluções e modificando-na.

Momento 4 (15 min): Apresentamos todas as paisagens modificadas, e as dispomos pela sala, construindo um grande cenário de Alvorada. Junto com os alunos, buscamos identificar onde ficava cada local, e explanamos sobre cada um deles enquanto paisagem e suas funções dentro do espaço de Porto Alegre. Após os alunos irem identificando os locais, eles anotaram como referência em cada painel. Problematicaram naquele momento, suas imagens originais e juntos, identificamos os problemas e buscamos quais seriam as soluções para os mesmos, fazendo o fechamento desta oficina.

A seguir, temos o exemplo de um produto feito por um aluno do 3º Ano do Ensino Médio:

Figura 5: Atividade 2 – Estudante do 3º Ano do Ensino Médio

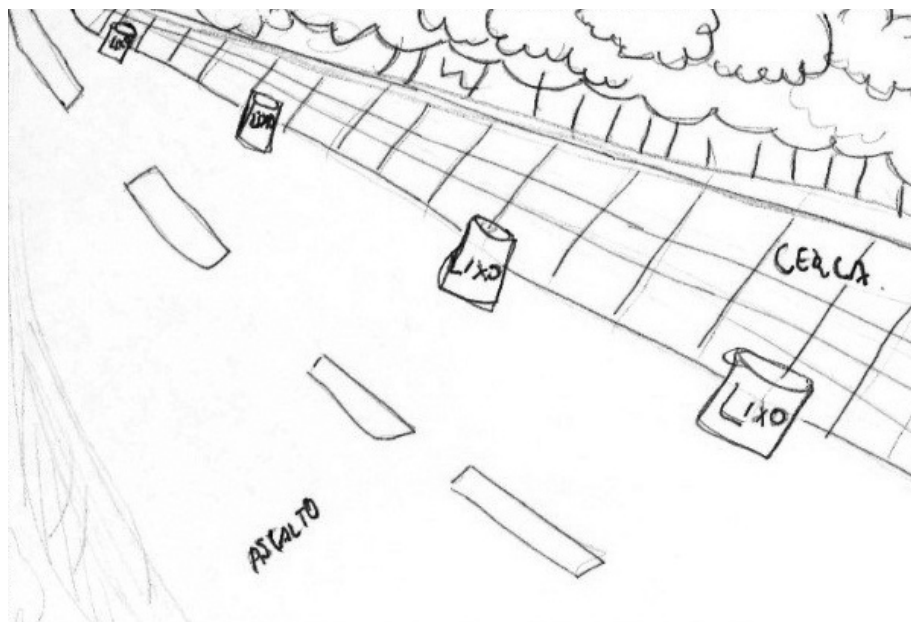


O estudante atua na atividade de transformação espacial proposta, utilizando-se também, de noções de profundidade em sua representação/trans- formação da paisagem, recurso este, já utilizado por seus colegas e que pode servir como indicativo de uma projeção espacial melhor desenvolvida. Aparecem também, dentro do conjunto espacial, os elementos necessários para resolução do problema apresentado. Destacamos o fato de haver certa padronização na instalação dos bueiros e suas distâncias, bem como a organização da via, apresentando canteiro central e até mesmo a instalação elétrica da cidade, com problemas nesta região que acaba por ser “reparada” com base no olhar do estudante.

Em um sentido de preocupação e melhoria, outro estudante apresenta soluções diante de outra paisagem:

Figura 6: Atividade 2 - Estudante do 3º Ano do Ensino Médio





Neste caso, percebemos também o cuidado com a organização da rua e como solução, a presença constante de latas de lixo para diminuir a condição de lixos nas ruas. Chamou-nos atenção também, a instalação por parte do aluno, de cercas ao redor dos terrenos vazios, o que foi justificado, quando questionado, como medida de segurança e prevenção à novas formas de poluição. Evidenciamos ainda, o recado deixado pelo estudante para nós: “O carro foi levado para o ferro-velho”.

Há uma lógica presente na construção do estudante, sua vivência subsidiou a criação, o que por sua vez, motivou a tomada de atitudes frente as dificuldades apresentadas. Os conceitos da Geografia são articulados neste movimento de reflexão propiciado pelas oficinas, nelas tratamos do lugar quando o apresentamos como ferramenta de trabalho desta atividade, o ambiente que nossos sujeitos transitavam, a paisagem era nesse sentido, categoria de análise em um primeiro momento, mas também de provocação, ao nos apresentar um cenário em que os estudantes atuam diariamente, mas que é raramente problematizado.

Considerações (não tão) finais

Neste momento, pensando nesta lógica, gostaríamos de retomar alguns pontos que consideramos importantes durante nossa trajetória investigativa, uma vez que tal reflexão poderá nos dar uma outra dimensão acerca do que

foi pretendido fazer, mas, sobretudo, do que ainda pode ser feito. Aliás, talvez essa seja uma das primeiras considerações que possa ser feita nesse momento: nossas pesquisas podem e devem estar abertas às outras áreas, a provisoriamente das certezas e a comunhão entre os conhecimentos torna-se cada vez mais necessária, de modo especial, se estamos trabalhando dentro do âmbito da educação e com sujeitos educandos.

Ouvir o aluno sempre foi uma preocupação de nossa pesquisa, afinal, faz parte também do que acreditamos como educadores. Educar é possibilitar trocas, perceber os potenciais de quem está trabalhando, auxiliar nas dificuldades, problematizar as certezas, criar diante das dúvidas. O processo de escuta atuou como um dos pressupostos de nosso trabalho. Gostaríamos de investigar a escola e quem estava nela, a fim de que, somente a partir desta aproximação, pudessemos analisar como a Geografia era entendida por estes sujeitos.

A obra de Viktor Frankl nos inspira a pensar sobre os próprios sentidos que atribuímos nos ambientes de nossas vidas. Quando perguntamos sobre o sentido de nossas aulas de Geografia, questionamos não somente por parte dos alunos, mas também do professor. Como ele tem visto seu papel diante do âmbito formativo destes sujeitos? Será que o profissional que busca dar sua aula em meio a tantas dificuldades de trabalho ainda atribui sentido em seu fazer? Como um professor que não vê mais sentido no que aprende pode continuar a ensinar?

A criação, a vivência e a atitude, elementos que trouxemos no decorrer de nossa “viagem”, foram caminhos para analisarmos a presença de sentido em nossas práticas, felizmente, percebemos por meio das entrevistas e dos produtos das oficinas que as concepções de Frankl, sobre o sentido na vida podem ser aplicadas, com suas devidas adaptações metodológicas, para as aulas de Geografia. Deste modo, consideramos o trabalho com os estudantes na escola sob estes três aspectos, conforme estabelecido em um de nossos objetivos específicos (propor possibilidades pedagógicas) um dos momentos mais significativos de nossa investigação e que possibilitaram novas descobertas. Cada pilar trabalhado, da Logoterapia, que aqui buscamos sintetizar em duas oficinas, pôde ser entendido como uma nova pesquisa em potencial. Nosso desejo é que ao ler este trabalho, nosso “leitor” tenha produzido junto conosco, novas reflexões a respeito do sentido e pensado como ele se manifesta em sua própria vida.

Referências

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria; GOULART, Lígia Beatriz Goulart; KAERCHER, Nestor André; MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski. **O Ensino de Geografia e suas Composições Curriculares**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2014.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

FRANKL, Viktor Emil. **Em Busca de Sentido: um Psicólogo no Campo de Concentração**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Editora Sulina: Porto Alegre, 2015

_____. **O Método 3: o Conhecimento do Conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 2008.